



FOME DE VIDA

João pediu licença e foi pro seu quarto. A mãe ficou preocupada, o filho andava comendo tão pouquinho; o pai apenas cruzou os talheres e foi lê seu jornal na sala de estar.

A mãe começou a recolher os pratos e a controlar qualquer coisa.

Trancado em seu quarto, João suava frio. Sentia uma espécie de tristeza, porque sabia que o que estava prestes a fazer não tinha volta. Abriu o armário, pegou sua mochila, que já estava pronta, olhou-se no espelho, parecia mais novo do que realmente era, tinha dezesseis anos, mas sentia-se como uma criança naquele momento.

Deixou um bilhete explicando tudo e, de fininho, passou pela sala, onde o pai continuava lendo seu jornal, nem percebeu a presença do filho. Na cozinha, a mãe tirava as louças lavadas da máquina e continuava cantarolando a mesma música de todos os dias.

João suspirou e, rapidamente, saiu da casa ganhando a rua. Realmente não pertencia àquele mundo. Então, apertou a mão à mochila e correu muito. Quando chegou no local marcado, seus amigos já o aguardavam.

Todos se olharam e começaram a se acomodar no carro de Zé, o mais velho de todos. Não sentiu pena de sua mãe, sabia que ficaria ela muito triste, talvez até adoecesse, mas há muito planejava tudo com seus parceiros, ele tinha fome de vida, fome de viver, de se sentir vivo e isso era mais forte que tudo. Então, olhou pra frente, sabia que a vida não seria fácil dali pra diante e nem queria que fosse.

Esvaziou o coração, encheu a cabeça de sonhos e agora, dono de seu próprio destino, criou asas.